

# Os efeitos da Ditadura Militar Argentina (1976-1983) no destino dos personagens de “Glosa” (1986), de Juan José Saer

p. 116 - 125

Renata Cristina Pereira Raulino <sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo analisa a representação dos efeitos da última ditadura militar argentina (1976-1983) no futuro dos personagens de *Glosa* (1986), romance do escritor Juan José Saer (1937-2005). A realidade político-histórica se submete às suas subjetividades que, por isso, individualizam essa experiência coletiva e se insere em uma temporalidade que se entranha em um tempo narrativo predominantemente moroso.

**Palavras-chave:** Ditadura militar. Argentina. *Glosa*. Saer.

## THE EFFECTS OF ARGENTINEAN MILITARY DICTATORSHIP (1976-1983) IN THE CHARACTERS' FUTURE OF “GLOSA”, BY JUAN JOSÉ SAER

## Abstract

This article analyses the representation of the impacts in the last Argentinean military (1976-1983) dictatorship in the characters' future in *Glosa* (1986), a novel by Juan José Saer (1937-2005). The historical and political reality submits to a subjectivity that individualizes a collective experience and is part of a temporality that penetrates in a predominantly lengthy narrative time.

**Keywords:** Military dictatorship. Argentine. *Glosa*. Saer.

## Introdução

Em “La política, la devastación”, Beatriz Sarlo (2010) enfatiza que o tratamento direto da política em *Glosa* (1986) o torna original, pois não segue as duas tendências da literatura argentina dos anos 80: a abordagem alegórica e a documental-realista. De fato, o romance possui, entre outras, duas temporalidades opostas. De um lado, temos como centro argumentativo do romance o passeio dos protagonistas, Matemático e Leto, em um tempo indefinido e vagaroso. Por outro lado, o destino funesto e político desses

mesmos e outros personagens está em um tempo preciso e, inicialmente, condensado.

Neste artigo, propomos uma análise da forma como esse romance do escritor argentino Juan José Saer (1937-2005) representa os efeitos do terrorismo de Estado da última ditadura militar argentina (1976-1983), período de horror e trauma histórico significativo para o país. A sua publicação é pouco posterior a esses anos terríveis e a repercussão do regime ditatorial e da militância política irrompem na vida dos personagens.

Como veremos, esse período está inicialmente escrito de uma maneira contundente

<sup>1</sup> Bacharela e Licenciada em Letras com dupla habilitação em Espanhol-Português (2013) pela Universidade de São Paulo. Mestranda em Letras (Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana), USP.

e precisa, escritura que se entranha em uma temporalidade narrativa predominantemente marcada por sua morosidade e imprecisão. Essa realização de dois tempos contrários em um mesmo romance faz com que Martín Kohan (2011) em “Glosa, una novela política” diga apaixonadamente que o romance é um dos mais notáveis da literatura argentina.

## 1. 2 Irrupção

Em *Glosa*, a introdução de uma referência direta aos efeitos da ditadura militar aparece, inicialmente, de maneira breve e entranhada em um texto que tem uma narração temporalmente dilatada, pois a escrita saeriana tem como uma de suas principais marcas de estilo uma “delectación morosa respecto a la materialidad de las palabras” (Dalmaroni & Merbhilaá, 1999, p. 327). A título de exemplificação, será transcrito o trecho em que o narrador de *Glosa* revela que

Está en el bulevar Saint-Germain con Pichón Garay; vienen caminando desde l'Assemblée Nationale en dirección a la Place Maubert [...]; en la entrada de l'Assemblée se han separado del resto de la delegación — un grupo de exilados que acaba de ser recibido por el bloque de diputados socialistas y que les ha prometido, el bloque, ¿no?, ocuparse del asunto, *las masacres, las desapariciones, las torturas, los asesinatos en plena calle y en pleno día, etc., etc.*, en fin [...] todo eso. (Saer, 2013, p. 130, *grifo nosso*)

O fragmento acima mostra que, a não ser o exílio do personagem principal, as práticas do regime ditatorial argentino não estão associadas a nenhuma pessoa específica. Entretanto, logo no seguinte parágrafo a esse trecho tais procedimentos são associados ao destino de alguns personagens do universo saeriano, silenciados em outras obras

do autor<sup>2</sup>:

El año anterior, en mayo, Washington ha muerto de un cáncer de próstata; en junio, el Gato y Elisa, que estaban viviendo juntos en la casa de Rincón desde que Elisa y Héctor se separaron, han sido secuestrados por el ejército y desde entonces no se tuvo más noticias de ellos. Y para los mismos días, aunque se haya sabido un poco más tarde, Leto, Ángel Leto, ¿no?, que desde hacía años vivía en la clandestinidad, se ha visto obligado, a causa de una emboscada tendida por la policía, a morder por fin la pastillita de veneno que, por razones de seguridad, los jefes de su movimiento distribuyen a la tropa para que, si los sorprende, como dicen, el enemigo, no comprometan, durante las sesiones de tortura, el conjunto de la organización. Y Leto ha mordido la pastilla. El Matemático, por otra parte, está bastante al tanto de todas esas cosas, puesto que, sin estar muy de acuerdo con sus ideas, ha compartido con su mujer, durante varios años, hasta que la mataron, en mil novecientos setenta y cuatro, esa existencia singular. (SAER, 2013, p. 130-131)

Nessas poucas linhas, o leitor descobre o futuro dos protagonistas e de alguns outros personagens. Em “Las ruinas y el fragmento. Experiencia y narración, en *“El Entenado y Glosa”*, Florencia Garramuño (2010) chama essa escritura austera e sem adjetivos de “notación telegráfica”. Essa se justificaria como uma resistência à narração desses destinos, o que evitaria o tom melodramático do horror histórico-político e sua repetição compensatória em um texto literário.

De fato, a escrita de uma temporalidade condensada evita o melodrama e não sublima ou torna banal o horror histórico-político. Entretanto, é somente na introdução dos efeitos do período ditatorial que isso se dá. Em seguida, alguns fios narrativos anteriormente reduzidos se desenvolvem nessa escrita morosa que lhe é marcante. Por exemplo, o leitor saberá o porquê da

---

2 Em “La condición mortal”, Beatriz Sarlo (2010) sustenta que em *Glosa* se fecha de maneira violenta o destino de muitos da sociedade de personagens que circulam na narrativa saeriana como um todo.

condição de exilado de Matemático e a militância e morte de Leto, o segundo protagonista do romance. Esses dois destinos serão analisados neste artigo mais adiante.

Sendo assim, essa condensada revelação dos futuros não visa a somente evitar determinados efeitos dramáticos e mostrar resistência à narrativa de um trauma histórico, mas também desnudar que as consequências do período ditatorial irrompem na vida dos personagens e as desestabiliza, expressando-se por meio do entranhamento irruptivo de um tempo condensado em uma predominantemente tempo de escritura e leitura lenta.

### 1.3. Saltos para um futuro político

Em dois momentos, o narrador de *Glosa* deixa abruptamente o presente da narrativa central e conta ao leitor o destino trágico-político dos personagens. Entretanto, no primeiro salto para o futuro os tempos verbais estão no pretérito, pois o desaparecimento, a morte e o exílio dos personagens ocorrem em uma dimensão temporal diferente e pretérita da que Matemático se apresenta no momento. O protagonista se lembra de um recente passeio com outro personagem, Pichón Garay.

O emprego do tempo verbal do pretérito perfeito do modo indicativo, que indicaria um tempo finalizado, para contar os efeitos do terrorismo de Estado na vida (e morte) dos personagens é o aspecto mais interessante à nossa análise. Observemos novamente o início do segundo trecho mencionado anteriormente:

*El año anterior, en mayo, Washington ha muerto de un cáncer de próstata; en junio [do mesmo ano], el Gato y Elisa [...] han sido secuestrados por el ejército y desde entonces no se tuvo más noticias de ellos (Saer, 2013, p. 130-131, grifo nosso)*

O uso desse tempo verbal na língua espanhola indica, entre outras coisas, que o fato passado ainda tem implicância no presente que o utiliza. Sendo assim, as consequências horríveis do período ditatorial possuem relevância no presente-futuro da narrativa. Pode-se pensar na hipótese de que essa importância esteja na revelação em si desses destinos, uma vez que ocorre a ruptura do silenciamento desses futuros políticos de outros romances de Saer.

Além do mais, considerando o contexto de produção do texto – período imediatamente pós-ditatorial (1986) – as consequências do horror vivido por uma parcela da sociedade são revelados e, por isso, ainda fazem parte e possuem relevância na recepção contemporânea do romance, não obstante a existência de poucos estudos de *Glosa* nessa época<sup>3</sup>.

Também se pode notar, nesse trecho, nos anteriores e ao longo desses saltos temporais, a precisão temporal em que este futuro está situado: meados dos anos 70 em cidades europeias como Paris e Estocolmo – espaços de exílio – e cidades argentinas como Buenos Aires, Córdoba e Arroyito (na província de Rosário). Como já se observou em relação à escrita de uma temporalidade condensada entranhada em um tempo moroso, essa precisão se insere em um romance que “nasce” de uma imprecisão temporal<sup>4</sup> e tem como lugar do argumento central as ruas

---

3 Em “Vislumbres críticos: un horizonte de ‘deseo’ y ‘alucinación’”, María Bermúdez Martínez (2010) percorre a recepção crítica dos romances *El entenado* e *Glosa*, e aponta, até aquele momento, a escassez de estudos sobre o último.

---

4 Segue parte do primeiro parágrafo de *Glosa*: “Es, si se quiere, octubre o noviembre, del sesenta o del sesenta y uno, octubre tal vez, el catorce o el dieciséis, o el veintidós tal vez, el veintitrés de octubre de mil novecientos sesenta y uno pongamos – qué más da” (SAER, 2013, p. 13). Observa-se que esta imprecisão é anterior ao período da última ditadura militar.

de uma cidade jamais nomeada, apesar de todos os indícios indicarem se tratar da cidade argentina de Santa Fe, espaço narrativo de Saer .

O segundo salto ao futuro não é marcado pela inicial brevidade, mas narra o desenvolvimento do destino depressivo de Tomatis – amigo dos protagonistas e também presente em outros romances e contos do escritor – e o futuro político e mortal de Leto. Esse segundo salto está predominantemente no futuro do indicativo.

Além de ser o tempo da especulação<sup>5</sup>, o uso do futuro do indicativo coloca o que acontecerá com os dois personagens “fora” do presente da narrativa. Por exemplo, a morte de Leto aparece quase no fim desse futuro funesto. Entretanto, o narrador retorna abruptamente para um Leto vivo e jovem no fim do romance e do passeio. Tal retorno ao presente se dá porque o romance é predominantemente uma comédia, descrita pelo narrador como “tardanza de lo irremediable”. “Lo irremediable” é o futuro trágico e político desses personagens, o horror histórico os faz avançar -às vezes, ao fim- suas vidas.

A seguir, exporemos e faremos uma análise pontual dos destinos políticos dos personagens Matemático, Leto e Tomatis em Glosa.

### 1.3.1 Matemático

A experiência histórico-política não se torna menos incerta e, por isso, passível de desconfiança porque estão em um espaço-tempo precisos. As razões prévias e incertas para a partida de Matemático para o exílio estão relacionadas às suas relações familiares com a sua esposa Edith e com o irmão Leandro.

Esse protagonista conhece a sua mulher, num momento em que militam juntos em um

grupo trotsquista, movimento de ideologia de esquerda importante no cenário político argentino. Apesar de não estar tão claro, parece ter havido um distanciamento por parte de Matemático do partido porque “no aprobaba del todo la lucha armada” (Saer, 2013, p. 132).

Entretanto, o narrador nos conta que este possível distanciamento parece ser positivo para a relação, no sentido de Matemático, “el niño bien”, nutrir um respeito pela “militante intratable”. Ela, por sua vez, “*confiaba en su inteligencia y en su lealtad y porque le suministraba, con sus críticas implacables [à luta armada], el criterio de realidad que la acción desdibujaba*” (Saer, 2013, p. 132, grifo nosso). Nesse último trecho, observa-se uma percepção de Matemático na qual o uso de armas na guerrilha é visto como condicionadora de uma alienação à realidade, algo que se verá com mais clareza na perspectiva desencantada de Leto sobre sua militância.

A desconfiança impregna o telefonema anônimo que revela o assassinato de Edith e alerta o protagonista para se esconder de uma possível revista policial. Matemático desconfia fortemente que a chamada provém de alguém que apoia o terrorismo de Estado e as suas práticas assassinas, mais especificamente Leandro, irmão do protagonista. Fazendo uso da especulação, Matemático imagina que seu irmão o avisou com o intuito de proteger o nome da família e/ou sua futura carreira política de sucesso que passa por cima de todas as barbáries do terrorismo de Estado, como se observa no seguinte trecho: “*saliendo airoso de masacres, enfrentamientos, atentados, tiroteos, torturas, campos de concentración, explosiones y golpes de Estado, había llegado a ser ministro de gobierno de la provincia en el setenta y seis*” (SAER, 2013, p.

---

5 No pequeno ensaio “El concepto de ficción”, Saer (1997) considera a literatura um tipo de “antropología especulativa” no sentido de ser um meio de especular sobre a existência humana, sem se preocupar com seu caráter falso ou verdadeiro.

134). Matemático desconfia que esse mesmo irmão suscitou a sua prisão por participar de um movimento de oposição ao governo nos anos 60. Portanto, as distintas posições políticas marcadas por uma forte desconfiança influenciam bastante, nessa relação familiar conflituosa, e poderiam ser a causa para o exílio do protagonista na Europa.

Já na Europa, entretanto, a condição de exilados deste protagonista e Pichón Garay não os insere completamente nesse grupo, como se pode ler no seguinte trecho:

Después del encuentro con los diputados, los otros miembros de la delegación habían propuesto almorzar todos juntos, pero sin haberse puesto previamente de acuerdo, Pichón y el Matemático rechazaron la invitación. Con los otros miembros de la delegación, no tenían, a decir verdad, más que principios en común, muy respetables en verdad, pero sin la fuerza de la experiencia o del recuerdo. Y despidiéndose de los otros, se habían puesto a caminar (Saer, 2013, p. 135)

A força da experiência e da lembrança compartilhada entre os caminhantes não é a mesma dos princípios políticos comuns ao grupo de exilados, pois os laços de amizade que os une não estão no terreno coletivo da categoria de exilados que lhes é imposta, mas nas experiências e lembranças próprias, que também podem, mas não só, ser políticas. Esses mesmos laços são os que também motivam Leto a procurar Tomatis um pouco antes do seu suicídio.

A individuação de um medo histórico também aparece cifrada na lembrança de um sonho do protagonista que o narrador nos conta: o temor da perda de identidade e do conseqüente nada, que pode ser associada à condição de exilado, é a última cena do primeiro relato do destino político dos personagens. Matemático caminha por uma cidade indeterminada e encontra uma fita em que vê infinitas expressões do seu próprio rosto. Ele ri dessas faces caricaturescas, mas o fim desse sonho

se torna um pesadelo que provoca um grito, como se vê no trecho transcrito abaixo:

[...] había empezado a comprender antes de despertar que cuando la cinta terminara de desplegarse, en el lugar en el que él estaba, en el que habría estado, el lugar que ocupaba su cuerpo, no quedaría nada, ningún meollo, ningún signo, ni siquiera algo que ese cuerpo puramente exterior hubiese estado trayendo dentro —nada, ¿no?, aparte de un vacío, una transparencia, el espacio invisible [...] (Saer, 2013, p. 144)

Matemático antecipa e compreende o fim de seu sonho e o que poderia ser o fim de sua auto-imagem como consequência da separação do seu lugar de origem.

### 1.3.2 Leto

Como demonstra Beatriz Sarlo (2010), no já mencionado artigo, “La política, la devastación”, o futuro de Leto será o de militante, apesar das razões que o levaram a esta vida estarem elididas no romance. Segundo a autora, suas viagens a Cuba, ao Meio Oriente, a África, ao Vietnã fazem parte de uma geografia da política revolucionária e um espaço ideológico atravessado primeiramente por Che Guevara.

A autora presume que essas viagens fazem parte dos anos de formação de Leto como guerrilheiro, depois dos quais se converte em comandante, possivelmente da organização Montoneros ou do ERP (Ejército Revolucionario del Pueblo). Além disso, como já se pontuou nas críticas em relação à luta armada nos pensamentos de Matemático, a entrada do outro protagonista em uma organização guerrilheira também é contada através de uma perspectiva crítica negativa.

A introdução de Leto na clandestinidade o leva a um processo de desencantamento no qual o seu isolamento rigoroso e secreto suscita uma irrealidade, como se lê no seguinte fragmento do

romance:

Durante dieciséis o diecisiete años irá hundiéndose en un orden regido por normas tan estrictas, tan especiales, tan organizadas en circuito cerrado que, *aunque elaboradas para constituir una asociación de personas cuyo fin es modificar la realidad, lo harán pasar a una irrealidad tan grande* que, detrás de la máscara impenetrable [...] en que se irá transformando su cara, o bajo los disfraces diversos que irá adoptando para entrar y salir, como un actor que interpreta varios papeles de segundo orden en una misma comedia, [...] más que la obstinación sardónica, ni siquiera autocompasiva, de quien, engeguado por una lluvia torrencial [...] o por una serie ininterrumpida de explosiones, corre en línea recta, sin importarle, *y tal vez sin siquiera plantearse el problema, si en la dirección en que corre lo espera un reparo o un precipicio*. De todos modos, y a partir de cierto momento, llevará siempre, [...] una pastilla de veneno [...], y de vez en cuando la observará para recordar no que es mortal, sino soberano. (SAER, 2013, p. 224, *grifo nosso*)

No trecho acima e ao longo do segundo salto ao futuro, as organizações guerrilheiras são vistas como um regime que exila o protagonista da sua anterior realidade e identidade, pois reproduz as formas autoritárias e opressivas do poder estatal contra o qual se propõe lutar. Como aponta Florencia Abbate (2015) em *El espesor del presente. Tiempo e historia en las novelas de Juan José Saer*, enfatiza-se o caráter militar dessa organização guerrilheira, o que acarretaria em um conflito entre os fins e os meios: os fins se alcançam por meios contrários aos seus ideais?

A militância distancia esse protagonista dos outros grupos (familiar e, especialmente, de amigos) aos quais faz (ou fazia) parte, o que torna a sua anterior identidade reduzida a um “rastros” que só aparece esporadicamente a partir dos encontros com amigos que estão fora desse regime, como se observa com clareza no fragmento que segue:

Poco a poco Leto irá dejando su trabajo, *cada vez más implicado en la militancia política, en*

*grupos cada vez más radicalizados, hasta que pasará a la clandestinidad, y del Leto habitual, salvo dos o tres reapariciones fugaces, no quedará ningún rastro, excepto para algunos amigos íntimos como Tomatis, Barco, el Gato Garay, a los que irá a visitar de tanto en tanto, siempre de un modo inesperado y fugaz, no para discutir de política, sino para estar un rato con personas a las que lo unen, no meramente principios, sino, para decirlo de nuevo, experiencias comunes y recuerdos, ya que se puede muy bien querer luchar contra la misma opresión, incluso con los mismos principios, pero por razones diferentes.* (Saer, 2013, p. 224; *grifo nosso*)

Nesse trecho, repete-se a representação de laços afetivos que vão além dos princípios políticos. Portanto, a condição política que obrigou o outro protagonista a se exilar na Europa, também exila aquele que não se foi do país do seu entorno afetivo e mais próximo. Também se percebe, no trecho acima, que a entrada na militância alienante desconfigura Leto como indivíduo completo porque, como se conta mais adiante, tal irrealidade subtrai a sua possibilidade de escolha de um futuro distinto ao da guerrilha, pois chegou “demasiado lejos como para dar marcha atrás” (SAER, 2013, p. 227). Sendo assim, em indeterminado momento, a condição de guerrilheiro deixou de ser uma escolha de vida para se tornar um beco sem saída que oprime novas perspectivas.

A situação desse personagem nos remete às reflexões presentes em um “argumento” de *La Mayor*, livro publicado antes de *Glosa* pelo mesmo escritor, em 1976, ano em que coincidentemente ou não entrou em vigência o regime ditatorial. O pequeno texto tem por título “Dispersión” porque reflete sobre os exílios que os indivíduos sofreram no regime ditatorial argentino. Quando se refere aos que ficaram no país, se diz o seguinte:

[...] lo que le sucede a los que no se han separado [da Argentina]. Entre ellos el exilio es más grande. *Cada uno ha ido hundiéndose en su propio mar de lava endurecida*: y cuando miman una conversación, nadie ignora que no se trata más que de ruidos, sin música ni significación. *Todo el mundo tiene los ojos vueltos hacia adentro*, pero

esos ojos no miran más que un mar mineral,  
liso y grisáceo, refractario a toda determinación.  
(SAER, 2012, p.257, *grifo nosso*)

Paradoxalmente, a entrada de Leto em um grupo guerrilheiro o faz afundar-se “en su propio mar de lava endurecida” e em um ensimesmamento que o isola dos grupos ao qual fazia parte antes de ser um militante.

Essa irrealidade em que Leto se insere subtrai conjuntamente todas as suas certezas, menos uma: a pastilha de veneno, uma “bomba nuclear portátil” e pessoal. Esta parece ser a sua única possibilidade de um futuro diferente, um ato último de intensificação da vida que é o seu completo oposto: a morte ocasionada por um suicídio. Tal exacerbação é frisada por Graciela Foglia (2009) em “Estetização da morte? Notas sobre ‘Carta a Vicki’ e ‘Carta a meus amigos’, de Rodolfo Walsh”, artigo no qual vê o suicídio de Vicky Walsh representado nas cartas de seu pai, *Rodolfo Walsh. Entretanto, essa alternativa em Glosa* não parece ser motivada pelas mesmas razões que a autora aponta nas cartas que analisa: uma escolha que evitaria a entrega dos companheiros e a “degradação moral e física, a animalização, a redução a nada” (FOGLIA, 2009, p. 56).

Apesar de Leto ter consciência de que o veneno é considerado uma obrigação a mais envolvida em um discurso edificante em relação à morte, ele transforma o destino de muitos militantes do movimento guerrilheiro contrário à ditadura militar em uma escolha de vida pessoal, e não coletiva. Vejamos:

En realidad, la sacrosanta pastilla se la darán como una obligación más, envolviéndosela en discursos edificantes en los que las palabras sacrificio, causa, victoria y pueblo sobresaldrían de lejos en cualquier

*análisis de frecuencia lexical*, pero él, de un modo secreto incluso para él mismo en los primeros tiempos, la recibirá como *una promesa, un privilegio, un abrazadabra*. Un poco más tarde, *ya empezará a blandirla interiormente*, no como una prueba de omnipotencia ante sus enemigos, sino como una razón de burla y de desprecio, detrás de su cara impasible, ante sus propios aliados. Si por casualidad se encuentra en una reunión en la que, una vez más, no estará de acuerdo con ninguna de las decisiones que se tomarán, se descubrirá pensando, un poco crispado y sardónico: “Hablen nomás todo lo que quieran, que yo tengo la pastilla”. Será como su *bomba nuclear portátil, su arma absoluta*. (Saer, 2013, p. 226, *grifo nosso*)

A aderência de Leto a esse objeto mortal não parece anulá-lo como sujeito, mas sim oferece uma possibilidade de controle sobre a sua própria vida (e morte). Este domínio é um modo de modificar e opor-se a um discurso político, impondo secretamente a sua individualidade. A pastilha é interiorizada depois desse destino coletivo e passa por um processo que perpassa “capas sucesivas de incertidumbre, de violencia y decepción” (SAER, 2013, p. 225).

Esse processo de individuação também revela ao sujeito um destino que lhe era desconhecido. No trecho do poema, que é uma das epígrafes do romance, o “uno” que desconhece a sua morte pode significar o “outro” – suicídio do pai de Leto no passado e o suicídio como uma prática dos que entram na guerrilha. Ao mesmo tempo, pode referir-se à inserção de uma primeira pessoa em um grupo. Vejamos: “en uno que se moría, mi propia muerte no vi” (SAER, 2013, p. 11, *grifo nosso*).

Enfim, o momento em que Leto escolhe a sua clausura encerra o segundo salto. Depois de notar a emboscada que se forma ao redor da casa que pode ser o seu lugar de nascimento (Arroyito,

na província de Rosário), Leto diz o seguinte em pensamento:

Ustedes dos, como los que están atrás de los autos y de los árboles, como los que esperan en las esquinas, como los que ya deben estar en la puerta de entrada, en el techo a lo mejor, en el fondo del patio, *carecen de realidad*, son como fantasmas o como nubes de humo, porque yo tengo la pastilla, la acabo de tocar con la yema de los dedos, la pastilla que anula de un solo clac el big bang, la expansión insensata y ciega de sus chafalonías y su pseudoeternidad irrisoria” Y, volviendo un poco a tientas hasta la mesa de luz, y recogiendo de la muesca del cenicero el cigarrillo para darle dos o tres pitadas antes de aplastarlo, se llevará la pastilla a la boca con un gesto tan rápido que antes de morderla, sosteniéndola un instante con los dientes sin hacer presión, deberá expeler el humo de la última pitada. (SAER, 2013, p. 234; *grifo nosso*)

O protagonista opõe a carência de realidade dos seus inimigos, sombras desconhecidas e incertas, à realidade da sua escolha de vida-morte. Essa se associa ao consumo de cigarros, um dos poucos prazeres a que o guerrilheiro se permitia por sua obrigação de estar sempre alerta e atento a qualquer perigo. O suicídio é o que lhe sobra como único ato de vontade individual. Ele é reduzido a nada, mas é o próprio agente da sua redução.

Como aponta Julio Premat (2002) em *La dicha de Saturno. Escritura y melancolía en la obra de Juan José Saer*, a imortalidade pré-estabelecida dos personagens que circulam em vários contos e romances de Saer se rompe por meio da representação do horror histórico: o trauma causado pelo regime ditatorial argentino mata personagens recorrentes da narrativa saeriana. Ainda segundo o mesmo crítico, a história irrompe e destrói vidas e certezas.

### 1.3.3 Tomatis

Antes de partir para o fim deste artigo, observemos o destino que está entre os de

Matemático e o de Leto. Em razão de uma visita do último, o narrador nos conta que Tomatis está em um estado depressivo por razões desconhecidas em *Glosa*. Uma de suas poucas atividades é estar durante horas em frente ao televisor. O narrador, assim como a concisão da introdução dos efeitos da ditadura militar analisada anteriormente, nos relata brevemente o conteúdo do que este personagem assiste:

Cada madrugada, cuando las sombras electrónicas, los simulacros de colores chillones, los petímetros y las muñecas Barbie miniaturizados de las series industriales americanas, interrumpidos cada cinco minutos por los *cartones publicitarios concebidos por y para retardados, las propagandas del ejército invitando a los jóvenes sin trabajo a integrar sus bandas de homicidas y de torturadores para salvar la patria del cáncer de la subversión* (Saer, 2013, p. 228, *grifo nosso*)

Nessa pequena parte do romance, nota-se o uso da propaganda televisiva pela ditadura militar que procura cúmplices do regime, tornando-os estúpidos. Essa postura crítica não está tão desenvolvida, porém é uma atitude potencial que se elabora com mais clareza em *Lo imborrable* (1993), romance no qual Tomatis é o seu protagonista. Grosso modo, descobrimos nesse outro romance que a sua depressão chega ao ápice também por razões políticas: a terceira esposa da qual se divorcia denuncia uma militante política que Tomatis esconde na sua casa. Sendo assim, o horror suscitado pelo Estado atravessa a sua vida e é uma das razões para a sua depressão.

## Considerações finais

Os futuros políticos dos personagens não pertencem a uma abstrata nação argentina, mas são os destinos de indivíduos que tem as vidas desestabilizadas e, no caso de Leto, destruídas por uma experiência histórica. Sendo assim, a percepção do sujeito do mundo saeriano

também subordina a experiência histórica a uma subjetividade: o destino coletivo é individualizado, no caso de *Glosa*, no futuro de Matemático, Leto e Tomatis, especialmente. Segundo as palavras de Saer no mencionado argumento “Dispersión”, de uma geração jovem na qual o escritor parece se incluir “no quedan más que dos o tres pétalos empallidecidos” (Saer, 2012, p. 257) por estarem separados pela, entre outras coisas, política, morte e oceanos.

A representação do horror militar no romance é escrita temporalmente de uma maneira precisa e condensada justamente para se alcançar o efeito de interrupção do prazer estético de uma narrativa predominantemente morosa porque também irrompe na história dos personagens que sofrem as suas consequências. Em concordância com Kohan (2011) no seu já mencionado artigo “Glosa, una novela política”, tal objetivo só se alcança porque se insere em um todo narrativo em que a política irrompe sintética e intensamente. Portanto, apesar da realidade político-histórica se submeter a uma subjetividade que particulariza a experiência coletiva, a sua escritura é particular para se conseguir esse efeito.

A escritura transforma o político-histórico ao individualizá-lo, mas esse também modifica, nem que seja por um momento, o estilo narrativo impreciso e moroso desse romance por uma narração precisa e, até certo ponto contundente.

## Referências bibliográficas

ABBATE, Florencia. *El espesor del presente*. Tiempo histórico e historia en las novelas de Juan José Saer, 2015.

DALMARONI, M.; Merbilhaá, M. “Un azar convertido en don”. Juan José Saer y el relato de la percepción”. In: JITRIK, Noé (dir.) *Historia crítica*

*de la literatura argentina*, v.11. Buenos Aires: Emecé, 1999.

FOGLIA, Graciela A. “Estetização da morte? Notas sobre ‘Carta a Vicki’ e ‘Carta a meus amigos’”. *Cultura Crítica*, São Paulo, v. 9, p. 51 - 59, 01 mar. 2009.

GARRAMUÑO, Florencia. “Las ruinas y el fragmento. Experiencia y narración, en El Entenado y Glosa”. In: SAER, Juan José. *Glosa/El entenado. Edición crítica*. Julio Premat (coord.) Poitiers, Córdoba: CRLA, Alción, 2010.

KOHAN, Martín. “Glosa, novela política”. In: RICCI, Paulo (ed.). *Zona de prólogos*. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.

MARTÍNEZ, María Bermúdez. “Vislumbres críticos: un horizonte de ‘deseo’ y ‘alucinación’”. SAER, Juan José. *Glosa/El entenado: edición crítica*. Julio Premat (coord.) Poitiers, Córdoba: CRLA, Alción, 2010.

PREMAT, Julio. *La dicha de Saturno*. Escritura y melancolía en la obra de Juan José Saer. Rosario: Beatriz Viterbo, 2002.

SAER, Juan José. “El concepto de ficción”. In: *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

\_\_\_\_\_. *Lo imborrable*. Buenos Aires: Seix Barral, 2003.

\_\_\_\_\_. “Dispersión”. In: *Cuentos completos* (1957). Buenos Aires: Seix Barral, 2012.

\_\_\_\_\_. *Glosa*. 5ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2013.

SARLO, Beatriz. “La condición mortal”. In: SAER, Juan José. *Glosa/El entenado*. Edición crítica. Julio Premat (coord.) Poitiers, Córdoba: CRLA, Alción, 2010.

\_\_\_\_\_. “La política, la devastación”. In: SAER, Juan José. *Glosa/El entenado*. Edición crítica. Julio Premat (coord.) Poitiers, Córdoba: CRLA, Alción, 2010.

**Data de envio:** 30/10/2016

**Data de aceite:** 21/12/2016